



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

EDITORIAL

Apresentamos à estimada leitora e ao estimado leitor o segundo número dos Estudos Teológicos de 2017. As duas edições deste ano focam na comemoração dos 500 anos da Reforma, a partir principalmente de Martim Lutero. Contudo, ampliamos o leque para incluir outros movimentos e personalidades da Reforma. A presente segunda edição tem seu enfoque em aspectos práticos e interdisciplinares, mas também inclui abordagens históricas e sistemáticas. Agradeço ao colega Júlio César Adam pela colaboração na organização do dossiê e no convite a autores e autoras para contribuir, bem como os encaminhamentos feitos para a tradução de textos, custeada pelo PROEX/CAPES. Além do dossiê, como é de costume, contemplamos textos enviados para as seções “teologia e interdisciplinaridade” e “ciências da religião e interdisciplinaridade”, bem como resenhas.

Em seu texto, apresentado originalmente como conferência no III Congresso Internacional da Faculdades EST sobre “Reforma: tradição e transformação”, em setembro de 2016, *Monica Melanchthon* trata do relato sobre o estupro de Diná e o massacre dos siquemitas, em Gênesis 34. Partindo da realidade de estupro na Índia, numa sociedade “hierárquica, sexista e castista”, faz uma leitura feminista deste texto e averigua possíveis contribuições da interpretação de Lutero a respeito, no intuito de apoiar a luta de mulheres na Índia. Lutero, em seu comentário sobre Gênesis, se aborrece diante do ocorrido, enxergando Diná como vítima de violência sexual, ato que atribui ao diabo. Já a presença de Deus está visível, para Lutero, na justa matança dos siquemitas e na proteção de Jacó e sua família, foco que se sobressai ao próprio estupro da filha. Lutero “literaliza” e, assim, evidencia a realidade do estupro, mas não dá suficiente atenção a Diná, a vítima. Para a autora, esta “literalização” é necessária para desmistificar a própria violação e evitar que a vítima desapareça no silêncio. Diná precisa ser “recuperada como sujeito da violação e como uma sobrevivente da vergonha”.

Jan Hermelink se depara com “modelos mentais” (Eberhard Mücke), o “conhecimento universalmente partilhado sobre cenas típicas do cotidiano” na “situação homilética”. Diferente de um documento que registra fatos ou dá instruções, um texto literário torna tais modelos presentes sem nomeá-los, e ainda os varia e transcende. O mesmo ocorre com a prédica, o que é demonstrado no exemplo concreto de uma prédica do próprio autor, proferida em culto universitário sobre Lc 2.41-51 (Jesus aos 12 anos no templo), cujo modelo mental implícito pode ser nomeado como: “alguém se afasta das condições de vida familiares”. Variando este modelo, a prédica chega a

sugerir que “alguém encontra seu destino genuíno” e, ainda, que “alguém passa por uma história de formação religiosa”. Insiste o autor que não se trata de uma simples implementação de alguma teoria, até porque a prédica de exemplo é mais explícita ao querer guiar as e os ouvintes do que a teoria homilética contemporânea tende a recomendar. Antes, teoria e prática, a partir de sua lógica própria, estão acopladas de modo bastante frouxo (*lose Kopplung*) e, somente assim, conseguem desconcertar-se mutuamente de forma propícia.

Diante de ouvintes dos cursos de graduação de música, musicoterapia e teologia, *Martin Dietz* apresentou o tema “Lutero e a música” em aula inaugural na Faculdade EST, no mês de março do corrente ano, abordagem que agora publicamos nesta edição, disponibilizando-a a um público mais amplo. Ressoando o tema do ano da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) para a comemoração dos 500 anos da Reforma - “Alegres, jubilai!” (oriundo de um hino do próprio Lutero, no estilo de uma balada), Dietz destaca que Lutero foi um “teólogo dos cinco sentidos” que tinha a música em alta estima. Em importância ela vem logo após a teologia, mais ainda, logo após a Palavra de Deus, sendo algo instalado na própria criação. Desde jovem, Lutero estava inserido na prática e no estudo da música e considerado por um amigo um “*musicus et philosophus eruditus*”. Baseado em textos do próprio Lutero e de estudos feitos no Brasil e no exterior (como o de Carl F. Schalk), Lutero é apresentado como apreciador – não por último dos compositores Josquin Desprez (ca. 1475-1530) e Lucovico Senfl (1492-ca. 1555); praticante, pois além de cantar, tocava alaúde; compositor e adaptador de músicas e letras de hinos, inspirado especialmente pelos salmos, num total de 37 obras. Incentivador da prática da música por toda comunidade, Lutero considerava a música dádiva divina à qual seria devida toda consideração, sendo o louvor propícia expressão da fé. Lutero via a música também como forma de afastar maus pensamentos e livrar-se de aflições.

Ampliando a visão da Reforma luterana para outros movimentos da Reforma, anteriores a Lutero, buscando evitar uma visão unilateral, “romântica e idealizada”, *Carlos Ribeiro Caldas Filho* lembra, numa perspectiva histórica de longa duração (Fernand Braudel), movimentos de busca espiritual que queriam revitalizar a prática de sua fé, tais como: albigenses, cátaros, beguinas e begardos. Menciona, ainda, ordens mendicantes como franciscanos e dominicanos, bem como grupos “proto-protestantes” como valdenses, seguidores de Wyclif e hussitas. Nestes movimentos, destaca-se a busca por uma espiritualidade profunda, praticada por cada crente, favorecendo a pobreza sobre a riqueza individual e eclesiástica, olhando para o testemunho da Escritura e valorizando a contribuição leiga. Assim foi também o caso da *devotio moderna*, movimento leigo de mística especialmente presente na Holanda, o qual influenciou tanto Inácio de Loyola como Lutero e Calvino. Um dos seus mais importantes livros foi a *imitatio Christi* de Thomas a Kempis, que teria repercussão ainda no luterano Dietrich Bonhoeffer no início do século XX, quando este escreve *Discipulado* e *Vida em Comunhão*. Lutero, devedor desses movimentos anteriores, conseguiu ir mais longe na reforma não apenas da prática, mas da doutrina cristã, não por último porque conseguiu sobreviver à perseguição.

Wanderley Pereira da Rosa traça o histórico do desenvolvimento do pensamento político protestante a partir do reformador João Calvino. Diante das atrocidades na cidade de Múnster, cruelmente arrasada pelas tropas do bispo católico após a instalação de uma certamente questionável “teocracia” de anabatistas, ele defendia a obediência à autoridade, instalada numa interpretação literal da Carta aos Romanos, capítulo 13, o que se reflete na primeira edição da *Instituição da Religião Cristã*, publicada em 1536. Contudo, em edições posteriores reconheceu o direito dos magistrados inferior à resistência, o que sublinha com mais clareza ainda em seu comentário ao livro de Daniel, destacando a supremacia de Deus sobre qualquer autoridade. Posteriormente, calvinistas radicais na Inglaterra ampliaram o âmbito da possível resistência contra a autoridade estabelecida para o povo em geral, baseados numa concepção federalista de poder e no sacerdócio universal. Isto não impediu que lideranças como Oliver Cromwell se tornassem, por sua vez, autoritárias; no entanto, houve crescente consenso a respeito da soberania do povo e da necessidade do respeito à e da garantia da liberdade de consciência e tolerância religiosa. Teologicamente foi importante, neste caminho, um maior equilíbrio entre o valor das Escrituras e a iluminação do Espírito Santo, evitando um biblicismo rígido, ortodoxo e exclusivo, equilíbrio esse visível em grupos independentes como os quacres.

Wanda Deifelt opõe a teologia luterana tanto ao fundamentalismo religioso como à teologia da prosperidade. O fundamentalismo se expandiu, em sua origem, nos “Fundamentos: um testemunho da verdade” (1910-15), entre protestantes educados e abastados que se sentiram ameaçados pelo liberalismo, a modernidade e a democracia. Já na América Latina, cresceu entre a população menos educada e “vagamente católico-romana”, diante da crise da modernidade, sob a influência de forte atividade missionária. Forneceu orientação num momento de deslocamento e desenraizamento causado pela urbanização, servindo como estratégia de sobrevivência. Inicialmente apolítico, ingressou na política na busca de uma nova cristandade, fundamentada numa “leitura seletiva e legalista de textos bíblicos”. Já a teologia da prosperidade encontra-se em igrejas neopentecostais protagonizadas por pastores midiáticos em cultos de espetáculo. Atrai as massas à busca de melhoria em suas vidas. Negociar com santos por sua intercessão não é novidade no continente; novo, porém, é negociar diretamente com Deus. Enquanto o dízimo vira investimento, o sofrimento é visto como passageiro e sinal da ausência de Deus. A teologia luterana, por sua vez, difere das duas mencionadas por ter espaço para a “dúvida, simultaneidade, ambiguidade ou tolerância”. Fomenta, outrossim, o altruísmo e vê a vida como uma dádiva, não como posse. Lutero privilegiou, contra o sentido espiritual que abundava na Idade Média, o sentido literal da Escritura, porém não de forma literalista, tendo como critério o evangelho, aquilo que promove a Cristo e fomenta o amor, a compaixão e a solidariedade.

O dossiê encerra-se com um texto de *Joana Puntel* e *Moisés Sbardelotto* sobre o que denominam de “Reforma digital”. É notório que a possibilidade de comunicação por via impressa foi fundamental para a difusão e o impacto do movimento da Reforma Protestante. Levou a teologia para o povo, causando uma “abertura pública da religião”. A tradução da Bíblia dos originais grego e hebraico para o alemão tornou

possível sua leitura pessoal e comunitária e, assim, levou para uma maior participação leiga na igreja. Se a Reforma Protestante desencadeou, assim, uma revolução sociocultural, na época da “Reforma digital” o processo se inverte: é a revolução sociocultural que promove uma revolução religioso-teológica, pela sua típica ubiquidade dos processos, autonomia dos sujeitos e da conectividade das ações e práticas comunicacionais, transformando a própria religião. É necessária uma nova publicização da teologia, à escuta do povo, que passa de uma teologia “magi-sterial” (de cima) para uma teologia “mini-sterial” (de baixo).

A seção de *Teologia e Interdisciplinaridade* é aberta por uma contribuição de *Taylor de Amorim Torres* e *Evaldo Luis Pauly*, reforçando a necessidade e a pertinência da opção preferencial pelos pobres na Teologia da Libertação, que encontra repercussão na vocação dos irmãos lassalistas, de uma educação emancipatória voltada para crianças pobres, confiando nas capacidades destas. Mesmo com as notáveis mudanças no conceito e na realidade de pobreza, ocorrida no Brasil de 2000 a 2015, não por último pela maior escolaridade da população pobre, permanece uma forte desigualdade entre ricos e pobres. Pobreza e riqueza, importa lembrar, não são um destino divino, mas sim “obras humanas”. Diante da importância central dada à educação, ao exercício da cidadania e à erradicação da pobreza na Constituição Federal brasileira de 1988, a tarefa permanece em pauta para esta ordem de vida consagrada não sacerdotal no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Flávio da Silva Chaves e *Francisco de Assis Souza dos Santos* conceituam e favorecem o modelo de uma medicina integrativa contra um modelo meramente biomédico. Aquele modelo inclui abertura para a espiritualidade, num pensamento focado no indivíduo em sua vivência da religião, e não numa instituição religiosa. Práticas como a meditação, desvinculada de sua conotação religiosa, mas resguardando sua conotação espiritual, podem servir como recurso terapêutico, segundo autores como Harold D. Koenig e Paulo Bloise. Estes insistem também na humanização da relação entre médico e paciente, o que inclui respeito às suas crenças, bem como compreensão e aceitação do paciente como agente ativo. A religiosidade/espiritualidade pode tornar-se um *coping*, uma forma de lidar positivamente com doença, dificuldade e estresse.

Também a contribuição de *Maria Leonor Gomes de Sá Vianna* e *Waldir Souza* trata da espiritualidade, contudo, neste caso, não focado no paciente, mas em “cuidadores informais” de pacientes em cuidados paliativos. Valendo-se de estudos empíricos, aplicando a *Underwood's Daily Spiritual Experience Scale* e os quadros de espiritualidade *Fica* e *Spirit*, concluem que a espiritualidade tem papel importante no processo de cuidado ao paciente, colabora com o bem-estar deste e dos seus cuidadores. Respeita-se a alteridade ao enfatizar o tratamento humanizado, pautado pela escuta, pelo toque humano, pelo amor e pela solidariedade.

Gisela I. W. Streck e *Thiago Almeida Silveira* apresentam uma pesquisa desenvolvida com egressos e egressas do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST. Após traçar o histórico da oferta desta modalidade em nossa IES, analisam 287 resumos e palavras-chave de trabalhos finais, evidenciando uma grande variedade de assuntos tratados, refletindo a própria diversidade dos e das discentes; no entanto,

educação e religião/religiosidade são categorias recorrentes. A pesquisa social mostrou que o estudo trouxe significativo crescimento pessoal e acadêmico e o desenvolvimento de um olhar de pesquisador/a, ampliando e aprofundando a visão do mundo. A inter, multi e transdisciplinaridade presente e o diálogo da teologia com a sociedade podem ser denominadas, como o faz Inácio Neutzling, de “teologia pública”, num forte compromisso com as pessoas e com a vida.

No texto de *Ruppenthal Neto* e *Frighetto* volta uma referência a Gênesis 34 (a história de Diná), objeto do primeiro texto desta edição. Contudo, o foco recai sobre a circuncisão dos judeus como pertença (estrutura familiar), violência (sangue derramado) e resistência (decisão), elementos constitutivos da diferença. Quanto ao primeiro elemento, mostra-se o domínio da família, especialmente do pai sobre o corpo dos familiares, enquanto também evidencia a inserção do filho na família. Em relação ao segundo, a parte do corpo que sofre violência substitui e representa ritualmente a ameaça da morte existente, além da ordem divina. Quanto ao elemento da decisão, permanece uma ambivalência entre imposição e decisão própria, mas sempre em resistência ao poder opressor.

Passando à seção *Ciências da Religião e Interdisciplinaridade*, *Oswaldo Luiz Ribeiro* apresenta uma análise retórica do Salmo 114. Enquanto Deus como ator é ocultado nos versículos 1-6, sua ação é pressuposta e os obstáculos mar, Jordão, montes e colinas se afastam. Nos versículos 7-8, no entanto, ele é ostentado, mas sentido como ausente, pois o obstáculo não é afastado como aconteceu durante a passagem dos israelitas pelo mar quando fugiram dos egípcios. A terra, a quem o imperativo “treme” se dirige – chama a atenção que o salmista nunca se dirige a deus –, fica inerte. Conclui o autor que se trata de uma terra num episódio de seca.

A presente edição se encerra com um texto sobre o rosário em Campinas, da autoria de *Fábio Augusto Morales* e *Camila Médici Neves*, tendo em vista o fomento à tolerância religiosa e ao conhecimento da diversidade religiosa, bem como a valorização do patrimônio cultural local nesta perspectiva, a partir das “flutuações” arquitetônicas no tempo e no espaço. A igreja N. S. do Rosário, mormente – mas não exclusivamente – frequentada por afrodescendentes, foi demolida em 1956, durante a execução de um novo plano de urbanização que buscou transformar a cidade num local sem marcas coloniais e católicas, mas modernas e industriais. Com a igreja, a população negra foi aos poucos expulsa e deslocada para outra paróquia: São Benedito. Focando no rosário como objeto de oração, um projeto de extensão universitária visa incentivar conhecimento e comparações (o “rosário” é utilizado também no islamismo e no budismo, bem como em religiões de matriz africana).

Desejo instigantes leituras!

Rudolf von Sinner
Editor